

TEORIA APLICADA SOBRE GÊNEROS DO DISCURSO/TEXTUAIS

Sílvia Ribeiro da Silva (UFG)

ORIGEM DO CONCEITO DE GÊNERO

Desde Platão e Aristóteles o gênero é uma preocupação constante. A noção de gênero em Aristóteles tem início com a oratória, cujo desenvolvimento se dá a partir da instauração da democracia na Grécia. Em Literatura também houve uma tipologização em gêneros. Todorov (1990) nos diz que, num primeiro momento, a clássica distinção entre poesia e prosa dava início à preocupação em se separar os textos em modalidades.

No entanto, era ainda uma separação muito abrangente, porque o sentido da palavra *prosa* não era claro e havia confusões quanto ao que era literário ou não literário, por isso tal separação era problemática (BRANDÃO, 2002).

A distinção entre lírico, épico e dramático, vistos desde Platão como as três formas fundamentais da Literatura.

Outra classificação opõe a tragédia à comédia.

A Retórica também apresenta sua classificação. Ela reconhece três tipos de discursos: o deliberativo, o judiciário, ou forense, e o epidítico, ou de exibição.

Conforme Marcuschi (2002), uma observação histórica do surgimento dos gêneros revela que povos de cultura essencialmente oral desenvolveram um conjunto limitado de gêneros.

Após a invenção da escrita alfabética, por volta do século VII a.C., multiplicaram-se os gêneros, surgindo os típicos da escrita.

A partir do século XV, os gêneros expandiram-se com o florescimento da cultura impressa para dar início a uma grande ampliação.

Todas as esferas da atividade humana, por mais variadas que sejam, estão sempre relacionadas com a utilização da língua.

A utilização da língua efetua-se em forma de enunciados (orais e escritos), concretos e únicos, que emanam dos integrantes duma ou doutra esfera da atividade humana.

O enunciado reflete as condições específicas e as finalidades de cada uma dessas esferas, não só por seu conteúdo (temático) e por seu estilo verbal, ou seja, pela seleção operada nos recursos da língua — recursos lexicais, fraseológicos e gramaticais —, mas também, e, sobretudo, por sua construção composicional.

Estes três elementos (conteúdo temático, estilo e construção composicional) fundem-se indissolivelmente no *todo* do enunciado, e todos eles são marcados pela especificidade de uma esfera de comunicação.

Qualquer enunciado considerado isoladamente é, claro, individual, mas cada esfera de utilização da língua elabora seus *tipos relativamente estáveis* de enunciados, sendo isso que denominamos *gêneros do discurso*.

A riqueza e a variedade dos gêneros do discurso são infinitas, pois a variedade virtual da atividade humana é inesgotável, e cada esfera dessa atividade comporta um repertório de gêneros do discurso que vai diferenciando-se e ampliando-se à medida que a própria esfera se desenvolve e fica mais complexa.

Cumpre salientar de um modo especial a *heterogeneidade* dos gêneros do discurso (orais e escritos), que incluem indiferentemente: a curta réplica do diálogo cotidiano (com a diversidade que este pode apresentar conforme os temas, as situações e a composição de seus protagonistas), o relato familiar, a carta (com suas variadas formas), a ordem militar padronizada, em sua forma lacônica e em sua forma de ordem circunstanciada, o repertório bastante diversificado dos documentos oficiais (em sua maioria padronizados), o universo das declarações públicas (num sentido amplo, as sociais, as políticas).

E é também com os gêneros do discurso que relacionaremos as variadas formas de exposição científica e todos os modos literários (desde o ditado até o romance volumoso). |

A diversidade funcional dos gêneros parece tornar os traços comuns a todos eles abstratos e inoperantes. Provavelmente seja esta

a explicação para que o problema geral dos gêneros do discurso nunca tenha sido colocado.

Estudaram-se, mais do que tudo, os *gêneros literários*. Mas estes, tanto na Antigüidade como na época contemporânea, sempre foram estudados pelo ângulo artístico-literário de sua especificidade, das distinções diferenciais intergenéricas (nos limites da literatura), e não enquanto tipos particulares de enunciados que se diferenciam de outros tipos de enunciados, com os quais, contudo, têm em comum a natureza *verbal* (lingüística).

O problema de lingüística geral colocado pelo enunciado, e também pelos diferentes tipos de enunciados, quase nunca foi levado em conta.

Estudaram-se também — a começar pelos da Antigüidade — os *gêneros retóricos* (e as épocas posteriores não acrescentaram nada de relevante à teoria antiga).

Então se dava pelo menos maior atenção à natureza verbal do enunciado, a seus princípios constitutivos tais como: a relação com o ouvinte e a influência deste sobre o enunciado, a conclusão verbal peculiar ao enunciado (diferente da conclusão do pensamento), etc.

A especificidade dos gêneros retóricos (jurídicos, políticos) encobria, porém, a natureza lingüística do enunciado.

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE AS CARACTERÍSTICAS DOS GÊNEROS DO DISCURSO SEGUNDO BAKHTIN ([1953-53]1979)

O estilo

Rajo (2005) diz que o estilo são as configurações específicas das unidades de linguagem, traços da posição enunciativa do locutor e da construção composicional do gênero (marcas lingüísticas ou estilo)

Para Costa Val (2003), os gêneros definem o estilo, orientando o processo de seleção de recursos lexicais e morfossintáticos no interior de cada frase e nas relações interfrasais.

O estilo está indissolavelmente ligado ao enunciado e a formas típicas de enunciados, isto é, aos gêneros do discurso.

O enunciado - oral e escrito, primário e secundário, em qualquer esfera da comunicação verbal - é individual, e por isso pode refletir a individualidade de quem fala (ou escreve).

Em outras palavras, possui um estilo individual. Mas nem todos os gêneros são igualmente aptos para refletir a individualidade na língua do enunciado, ou seja, nem todos são propícios ao estilo individual.

Os gêneros mais propícios são os literários - neles o estilo individual faz parte do empreendimento enunciativo enquanto tal e constitui uma das suas linhas diretrizes.

As condições menos favoráveis para refletir a individualidade na língua são as oferecidas pelos gêneros do discurso que requerem uma forma padronizada, tais como a formulação do documento oficial, da ordem militar, da nota de serviço, etc.

Na maioria dos gêneros do discurso (com exceção dos gêneros artístico-literários), o estilo individual não entra na intenção do enunciado, não serve exclusivamente às suas finalidades.

A variedade dos gêneros do discurso pode revelar a variedade dos estratos e dos aspectos da personalidade individual, e o estilo individual pode relacionar-se de diferentes maneiras com a língua comum.

A definição de um estilo em geral e de um estilo individual em particular requer um estudo aprofundado da natureza do enunciado e da diversidade dos gêneros do discurso.

Cada esfera conhece seus gêneros, apropriados à sua especificidade, aos quais correspondem determinados estilos.

Uma dada função (científica, técnica, ideológica, oficial, cotidiana) e dadas condições, específicas para cada uma das esferas da comunicação verbal, geram um dado gênero, ou seja, um dado tipo de enunciado, relativamente estável do ponto de vista temático, composicional e estilístico.

O estilo é indissociavelmente vinculado a unidades temáticas

determinadas e, o que é particularmente importante, a unidades composicionais: tipo de estruturação e de conclusão de um todo, tipo de relação entre o locutor e os outros parceiros da comunicação verbal (relação com o ouvinte, ou com o leitor, com o interlocutor, com o discurso do outro, etc.)

Carta e e-mail pessoal: demonstração de proximidade entre os interlocutores, expressões típicas desses gêneros (caro amigo, meu amor, querida irmã).

Carta e e-mail institucional: ausência de proximidade entre os interlocutores, marcas lingüísticas desse distanciamento (senhor, prezado, ilustríssimo, excelentíssimo).

Gênero novela – Manoel Carlos. Cenário: cidade do Rio de Janeiro, bairro Leblon. Personagens: sempre a protagonista se chama Helena, geralmente um personagem se chama Sílvio ou Sílvia. Atores/atrizes: Regina Duarte, Natália do Vale, Helena Rinaldi, Viviane Pasmanter, Xuxa Lopes, Lílian Cabral. Temas em discussão: problemas do cotidiano de maneira geral, geralmente um casal gay é posto na narrativa.

Gênero novela – Glória Peres. Cenário: cidade do Rio de Janeiro. As narrativas acontecem em vários bairros, mas a um sempre é dada mais ênfase, geralmente no subúrbio. Atores/atrizes: Giovana Antoneli, Débora Secco, Edson Celulari, Guilherme Karan, Victor Fasano, Murilo Benício. Temas: geralmente um dos temas diz respeito a uma questão de saúde, uma das temáticas costuma ser desenvolvida ou fora da região urbana ou fora do país, costuma apresentar um tema ligado a uma cultura pouco divulgada.

Gênero novela – Aguinaldo Silva. Cenário: na maioria dos casos uma cidade imaginária, ambientada no Nordeste brasileiro. Personagens: geralmente um gay, quase sempre com excesso de trejeitos e estereotipado. Atores/atrizes: Suzana Vieira, Pedro Paulo Rangel, Arlete Sales. Temas: variam. Mas geralmente dizem respeito a algum personagem nordestino que passa por dificuldades e consegue êxito depois de muito sacrifício.

A construção composicional

Segundo Rojo (2005) faz parte da construção composicional os elementos das estruturas comunicativas e semióticas compartilhadas pelos textos pertencentes ao gênero

Costa Val (2003) diz que os gêneros estabelecem padrões de *estrutura composicional*, isto é, modos típicos de organização do texto quanto a que partes o compõem e como elas se distribuem

Gênero ata – Aos... dias do mês de... estiveram presentes à reunião... (...). Não havendo nada mais a ser tratado, a reunião foi encerrada às... horas e... minutos e os fatos mais marcantes foram registrados nesta ata, que, após lida e aprovada será assinada pelos participantes da reunião e por mim, que a lavrei, dato e assino.

Gênero contrato – Pelo presente Instrumento Particular de Resilição de Contrato de Locação de Imóvel Residencial, de um lado, na qualidade de LOCADORA, o espólio de Maria José Rodrigues, neste ato, representado pela inventariante, _____, brasileira, viúva, professora, portadora da cédula de identidade _____, inscrita no CPF/MF sob o nº _____, domiciliada nesta capital, onde reside a _____, e, de outro lado, na qualidade de LOCATÁRIO, _____, brasileira, separada consensualmente, portadora da cédula de identidade _____, inscrita no CPF/MF sob o nº _____, residente e domiciliada, nesta Capital, a _____, resolvem, a pedido do locatário, resiliir a locação do imóvel abaixo descrito, prometendo fazer cumprir por seus herdeiros, mediante as seguintes cláusulas e condições: (...)

O tema

Rojo (2005) chama de conteúdo temático os conteúdos ideologicamente conformados que se tornam comunicáveis através do gênero.

Costa Val (2003) diz que os gêneros estabelecem pautas temáticas e formas típicas de tratamento do tema, à medida que, nas diferentes instâncias de uso da língua, se estabelecem diferentes expectativas quanto ao leque de assuntos pertinentes ou impertinentes,

permitidos ou proibidos, e quanto ao grau de autenticidade, fidedignidade e exaustividade de sua abordagem.

Bakhtin/Volochínov ([1929]1981) diz que o sentido da enunciação completa é o seu *tema*.

O tema deve ser único. Caso contrário, não teríamos nenhuma base para definir a enunciação. O tema da enunciação é na verdade, assim como a própria enunciação, individual e não reiterável. Ele se apresenta como a expressão de uma situação histórica concreta que deu origem à enunciação. A enunciação: “Que horas são?” tem um sentido diferente cada vez que é usada e também, conseqüentemente, na nossa terminologia, um outro tema, que depende da situação histórica concreta (histórica, numa escala microscópica) em que é pronunciada e da qual constitui na verdade um elemento.

Conclui-se que o tema da enunciação é determinado não só pelas formas lingüísticas que entram na composição (as palavras, as formas morfológicas ou sintáticas, os sons, as entoações), mas igualmente pelos elementos não verbais da situação.

Se perdermos de vista os elementos da situação, estaremos tão pouco aptos a compreender a enunciação como se perdêssemos suas palavras mais importantes. O tema da enunciação é concreto, tão concreto como o instante histórico ao qual ela pertence. Somente a enunciação tomada em toda a sua amplitude concreta, como fenômeno histórico, possui um tema. Isto é o que se entende por tema da enunciação.

O tema, como dissemos, é um atributo apenas da enunciação completa; ele pode pertencer a uma palavra isolada somente se essa palavra opera como uma enunciação global.

Assim, por exemplo, a palavra onisignificante sempre opera como uma enunciação completa (e não tem significações fixas precisamente por isso).

Por outro lado, a significação pertence a um elemento ou conjunto de elementos na sua relação com o todo. É claro que se abstrairmos por completo essa relação com o todo, (isto é, com a enunciação), perderemos a significação. É por isso que não se pode traçar uma fronteira clara entre o tema e a significação.

A significação de uma palavra é inseparável da situação concreta em que ela se realiza. Sua significação é diferente a cada vez, de acordo com a situação. Dessa maneira, o tema absorve, dissolve em si a significação, não lhe deixando a possibilidade de estabilizar-se e consolidar-se.

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE OS GÊNEROS DO DISCURSO PRIMÁRIO E SECUNDÁRIO

Importa levar em consideração a diferença essencial existente entre o gênero de discurso *primário* (simples) e o gênero de discurso *secundário* (complexo).

Os gêneros secundários do discurso — o romance, o teatro, o discurso científico, o discurso ideológico, etc. - aparecem em circunstâncias de uma comunicação cultural, mais complexa e relativamente mais evoluída, principalmente escrita: artística, científica, sociopolítica.

Durante o processo de sua formação, esses gêneros secundários absorvem e transmutam os gêneros primários (simples) de todas as espécies, que se constituíram em circunstâncias de uma comunicação verbal espontânea.

Os gêneros primários, ao se tornarem componentes dos gêneros secundários, transformam-se dentro destes e adquirem uma característica particular: perdem sua relação imediata com a realidade existente e com a realidade dos enunciados alheios.

O romance em seu todo é um enunciado, da mesma forma que a réplica do diálogo cotidiano ou a carta pessoal (são fenômenos da mesma natureza); o que diferencia o romance é ser um enunciado secundário (complexo).

A distinção entre gêneros primários e gêneros secundários tem grande importância teórica, sendo esta a razão pela qual a natureza do enunciado deve ser elucidada e definida por uma análise de ambos os gêneros.

Tomar como ponto de referência apenas os gêneros primários leva irremediavelmente a trivializá-los (a trivialização extrema re-

presentada pela lingüística behaviorista).

A inter-relação entre os gêneros primários e secundários de um lado, o processo histórico de formação dos gêneros secundários do outro, eis o que esclarece a natureza do enunciado (e, acima de tudo, o difícil problema da correlação entre língua, ideologias e visões do mundo).

Gêneros textuais e do discurso – são diferentes?

Teoria dos GT	Teoria dos GD
Ênfase nas formas composicionais	Ênfase na situação de enunciação
Gênero é uma entidade/noção vaga, que recobre uma família de similaridades e é percebido como um modelo canônico	Gênero é um <i>universal concreto decorrente das relações sociais e regulador das interações e discursos configurados em enunciados ou textos</i> (ROJO, 2004)
A noção de gênero se confunde com a de família de textos	“Texto” é a materialização do gênero como universal concreto
Busca descrever a função ou a materialidade do texto/gênero através de unidades estáveis que o compõem, entre estas, as seqüências típicas ou os tipos de discurso	Busca a significação, a acentuação valorativa e o tema, indicados pelas marcas lingüísticas, pelo estilo e pela forma composicional do texto
Apesar de estabelecer uma aproximação com o discurso bakhtiniano, dele se distancia e com ele praticamente rompe, em muitos pontos	Mantém uma postura crítica e dialógica com as teorias bakhtinianas, sem, no entanto, se distanciar demasiado delas
Em termos didáticos, busca definir um gênero colocando paralelamente vários textos supostamente pertencentes a ele e buscando assim regularidades formais ligadas à língua ou à função do gênero, tendo como “pano de fundo” o contexto de produção	Em termos didáticos, busca definir um gênero a partir de regularidades e similaridades das relações sociais numa esfera de comunicação específica. Portanto, parte-se da análise em detalhe dos aspectos sócio-históricos da situação enunciativa para daí buscar as marcas lingüísticas que refletem esses aspectos da situação
Principais autores nos quais se apóiam os trabalhos dentro desta tendência analisados por Rojo: Bronckart (1997), Adam (1998/99), Marcuschi (2002)	Principais autores nos quais se apóiam os trabalhos dentro dessa tendência analisados por Rojo: Bakhtin e seu círculo, Holquist, Silvestre & Blank, Brait, Faraco etc

Gênero e tipo – algumas considerações

Para Marcuschi (2002), **tipologia textual** é um termo que deve ser usado para designar uma espécie de seqüência teoricamente definida pela natureza lingüística de sua composição.

Em geral, os tipos textuais abrangem as categorias narração, argumentação, exposição, descrição e injunção (SWALES, 1990; ADAM, 1990; BRONCKART, 1999).

Gênero textual é definido pelo autor como uma noção vaga para os textos materializados encontrados no dia-a-dia e que apresentem características sócio-comunicativas definidas pelos conteúdos, propriedades funcionais, estilo e composição característica.

Travaglia (2002) define **tipologia textual** como aquilo que pode instaurar um modo de interação, uma maneira de interlocução, segundo perspectivas que podem variar.

Essas perspectivas podem, segundo o autor, estar ligadas ao produtor do texto em relação ao objeto do dizer quanto ao fazer/acontecer, ou conhecer/saber, e quanto à inserção destes no tempo e/ou no espaço.

Travaglia diz que o **gênero textual** se caracteriza por exercer uma função social específica. Para ele, estas funções sociais são pressentidas e vivenciadas pelos usuários. Isso equivale dizer que, intuitivamente, sabemos que gênero usar em momentos específicos de interação, de acordo com a função social dele.

Quando vamos escrever um e-mail, sabemos que ele pode apresentar características que farão com que ele “funcione” de maneira diferente. Assim, escrever um e-mail para um amigo não é o mesmo que escrever um e-mail para uma universidade, pedindo informações sobre um concurso público, por exemplo.

Travaglia dá ao gênero uma função social. Parece que ele diferencia **tipologia textual** de **gênero textual** a partir dessa “qualidade” que o gênero possui. Mas todo texto, independente de seu gênero ou tipo, não exerce uma função social qualquer?

Para Marcuschi, em todos os gêneros os tipos se realizam, ocorrendo, muitas das vezes, o mesmo gênero sendo realizado em dois ou mais tipos.

Ele apresenta uma carta pessoal como exemplo, e comenta que ela pode apresentar as tipologias descrição, injunção, exposição, narração e argumentação.

Travaglia (2002) diz que dificilmente são encontrados tipos puros. Num texto como a bula de remédio, que para Fávero & Koch (1987) é um texto injuntivo, tem-se a presença de várias tipologias, como a descrição, a injunção e a predição.

Travaglia afirma que um texto se define como de um tipo por uma questão de dominância, em função do tipo de interlocução que se pretende estabelecer e que se estabelece, e não em função do espaço ocupado por um tipo na constituição desse texto.

A PROPOSTA DE AGRUPAMENTO DE GENEBRA

Dolz & Schneuwly ([1996]2004), trabalhando a partir da proposta dos gêneros como organizadores de progressões curriculares, apontam dois aspectos ou problemas que as aplicações educacionais e transposições didáticas devem levar em conta no momento de organizar seus planos de ensino.

Por um lado, a enorme multiplicidade e variedade dos gêneros primários e secundários, orais e escritos;

Por outro, a diferença de complexidade de um gênero a outro e as transversalidades, no nível das semelhanças, que caracterizam certos gêneros de um mesmo domínio social de comunicação.

Agrupamento da ordem do relatar – ligado ao domínio social da comunicação, voltado à documentação e memorização das ações humanas, exigindo uma representação pelo discurso de experiências vividas situadas no tempo (relatos de experiência vivida, diários íntimos, diários de viagem, notícias, reportagem, biografias, relato histórico, testemunho, curriculum etc.). Os textos aqui enquadrados são aqueles que documentam fatos e memorizam ações humanas.

Agrupamento da ordem do narrar – ligado ao domínio social da cultura literária ficcional, caracteriza-se pela mimesis da ação através da criação da intriga no domínio do verossímil (contos de fadas, fábulas, lendas, ficção científica, narrativa de enigma, romance, novela, biografia romanceada etc.). Os textos pertencentes a esse agrupamento são herança da escola para a formação do leitor literário.

Agrupamento da ordem do argumentar – ligado ao domínio social da comunicação, voltado à discussão de problemas sociais controversos, visando a um entendimento e um posicionamento perante eles (diálogo argumentativo, carta de reclamação, debate regrado, editorial, ensaio argumentativo etc.). Os textos desse agrupamento se realizam a partir da sustentação, refutação e negociação de tomadas de posição.

Agrupamento da ordem do expor – ligado ao domínio social da comunicação, voltado à transmissão e construção de saberes, veiculam o conhecimento mais sistematizado, transmitido culturalmente (texto expositivo, conferências, seminários, resenhas, artigo enciclopédico, relatório científico etc.). Os textos desse agrupamento apresentam diferentes formas de saberes.

Agrupamento da ordem do descrever ações – ligado ao domínio social da comunicação, voltado às instruções e prescrições, exige a regulação mútua de comportamentos (instruções de uso, instruções de montagem, receitas, regulamentos, regras de jogo etc.).

Tipologicamente falando, os agrupamentos da ordem do relatar e do narrar são narrativos; os da ordem do *argumentar*, *argumentativos*; os do expor, expositivos e os do descrever ações, injuntivos, segundo as concepções de seqüência textual de Adam (1992).

Na proposta desses autores, o objetivo central do trabalho com gêneros na escola é levar o aluno a lidar com a grande variedade deles para apropriar-se de certo número, sabendo usá-los como ferramentas de interação e compreensão das relações sociais e também como substrato para o desenvolvimento de uma capacidade interpretativa de gêneros, utilizável frente aos que a escola não ensinará e com os quais este aluno se defrontará vida afora (BONINI, 2001).

**Tipologias textuais no livro ALP
nas atividades de leitura e interpretação de texto**

5ª série

Tipo Textual	Valor Percentual
Narração	63%
Descrição	13%
Dissertação	13%
Injunção	7%
Predição	4%
Total	100%

6ª série

Tipo Textual	Valor Percentual
Narração	65%
Descrição	16%
Dissertação	14%
Injunção	5%
Predição	0%
Total	100%

7ª série

Tipo Textual	Valor Percentual
Narração	62%
Descrição	19%
Dissertação	17%
Injunção	2%
Predição	0%
Total	100%

8ª série

Tipo Textual	Valor Percentual
Narração	52%
Descrição	9%
Dissertação	30%
Injunção	9%
Predição	0%
Total	100%

A produção de textos proposta pelo livro ALP

5ª série

Tipo Textual	Valor Percentual
Narração	54%
Descrição	23%
Dissertação	17%
Injunção	3%
Predição	3%
Total	100%

6ª série

Tipo Textual	Valor Percentual
Narração	56%
Descrição	22%
Dissertação	7%
Injunção	15%
Predição	0%
Total	100%

7ª série

Tipo Textual	Valor Percentual
Narração	50%
Descrição	36%
Dissertação	9%
Injunção	5%
Predição	0%
Total	100%

8ª série

Tipo Textual	Valor Percentual
Narração	65%
Descrição	7%
Dissertação	21%
Injunção	7%
Predição	0%
Total	100%

Português Linguagens
Aspectos tipológicos – 5ª série

Agrupamento	Valor percentual
1- Narrar	100%
2- Argumentar	0%
3- Relatar	0%
4- Expor	0%
5- Descrever ações	0%
Total	100%

Aspectos tipológicos – 6ª série

Agrupamento	Valor percentual
1- Narrar	93%
2- Expor	7%
3- Relatar	0%
4- Argumentar	0%
5- Descrever ações	0%
Total	100%

Aspectos tipológicos – 7ª série

Agrupamento	Valor percentual
1- Narrar	67%
2- Argumentar	33%
3- Relatar	0%
4- Expor	0%
5- Descrever ações	0%
Total	100%

Aspectos tipológicos – 8ª série

Agrupamento	Valor percentual
1- Narrar	67%
2- Argumentar	25%
3- Expor	8%
4- Relatar	0%
5- Descrever ações	0%
Total	100%

Aspectos tipológicos dos textos da coletânea – 5ª série

1- Narrar	67%
2- Expor	24%
3- Relatar	8%
4- Descrever	1%
5- Argumentar	0%
Total	100%

Aspectos tipológicos dos textos da coletânea – 6ª série

1- Narrar	66%
2- Expor	30%
3- Relatar	2%
4- Argumentar	2%
5- Descrever	0%
Total	100%

Aspectos tipológicos dos textos da coletânea – 7ª série

1- Narrar	56%
2- Expor	34%
3- Relatar	7%
4- Argumentar	2%
5- Descrever	1%
Total	100%

Aspectos tipológicos dos textos da coletânea – 8ª série

1- Narrar	44%
2- Expor	35%
3- Relatar	11%
4- Argumentar	8%
5- Descrever	2%
Total	100%

Aspectos tipológicos dos textos da coletânea da coleção

1- Narrar	55%
2- Expor	31%
3- Relatar	9%
4- Argumentar	4%
5- Descrever	1%
Total	100%

Esferas da atividade humana nos gêneros propostos para produção

Volume	Esfera
5ª	Cotidiana; Entretenimento; Literária Infantil
6ª	Escolar, Jornalística, Literária
7ª	Artística (teatral), Literária/Jornalística, Publicitária, Política
8ª	Literária, Jornalística, Escolar

Valores percentuais de ocorrência dos gêneros propostos para produção

Gênero proposto	Ocorrências
1. Texto de opinião	37%
2. Debate	23%
3. Resenha crítica	8%
4. Crônica argumentativa	8%
5. Texto publicitário	8%
6. Carta dos leitores	8%
7. Editorial	8%
Total	100%

Aspectos tipológicos – 5ª série

1- Narrar	50%
2- Relatar	42%
3- Argumentar	8%
4- Expor	0%
5- Descrever ações	0%
Total	100%

Aspectos tipológicos – 6ª série

1- Narrar	50%
2- Relatar	8%
3- Argumentar	25%
4- Expor	17%
5- Descrever ações	0%
Total	100%

Aspectos tipológicos – 7ª série

1- Narrar	33%
2- Relatar	0%
3- Argumentar	50%
4- Expor	0%
5- Descrever ações	17%
Total	100%

Aspectos tipológicos – 8ª série

1- Narrar	25%
2- Relatar	17%
3- Argumentar	50%
4- Expor	8%
5- Descrever ações	0%
Total	100%

Valor percentual total dos gêneros para escrever segundo agrupamento de gêneros

1- Narrar	40%
2- Argumentar	33%
3- Relatar	17%
4- Expor	7%
5- Descrever ações	3%
Total	100%

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADAM, J. M. Textualité et séquentialité. L'exemple de la description. In: *Langue française: la typologie des discours*. Paris, Larousse, nº 74, p. 51-71, maio, 1990.

BAKHTIN, M./VOLOCHINOV, V. N. (1929). *Marxismo e filosofia da linguagem*. São Paulo: Hucitec, 1981.

BAKHTIN, M. (1952-53). Os gêneros do discurso. In _____. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 1979. p. 277-326.

BONINI, A. O ensino de gêneros textuais: a questão das escolhas teóricas e metodológicas. In *Trabalhos em Linguística Aplicada*. Campinas, 2001. pp.: 7-23.

BRANDÃO, H. N. Texto, gênero do discurso e ensino. In: BRANDÃO, H. N. (org.). *Gêneros do discurso na escola*. São Paulo: Cortez, 2002.

BRONCKART, J. P. *Atividades de linguagem, textos e discursos: por um interacionismo sócio-discursivo*. São Paulo: Editora da PUC/SP, 1999.

CEREJA, W. R. & MAGALHÃES, T. C. (1998). *Português – linguagens: 5ª à 8ª séries*. São Paulo: Atual, 2002.

COSTA VAL, M. da G. C. Atividades de produção de textos escritos em livros didáticos de 5ª à 8ª séries do ensino fundamental. In ROJO, R. & BATISTA, A. A. *Livro didático de língua portuguesa, letramento e cultura da escrita*. Campinas: Mercado de Letras, 2003. p. 125-152.

DOLZ, J. & SCHNEUWLY, B. (1996). Gêneros e progressão em expressão oral e escrita: elementos para reflexões sobre uma experiência suíça (francófona). In: SCHNEUWLY, B., DOLZ, J. et al. *Gêneros orais e escritos na escola*. Campinas: Mercado de Letras, 2004, p. 41-70.

FÁVERO, L. L. & KOCH, I. V. Contribuição a uma tipologia textual. In *Letras & Letras*. Vol. 03, nº 01. Uberlândia: Editora da Universidade Federal de Uberlândia, 1987. pp. 3-10.

FERNANDES, M. & HAILER, M. A. *ALP – análise, linguagem e pensamento: a diversidade de textos numa proposta socioconstrutivista – 5ª à 8ª séries*. São Paulo: FTD, 2005.

MARCUSCHI, L. A. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In DIONÍSIO, Â. et al. *Gêneros textuais e ensino*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002.

ROJO, R. H. R. Gêneros do discurso e gêneros textuais: questões teóricas e aplicadas. In: MEURER, J. L., BONINI, A. & MOTTA-ROTH, D. (org.). *Gêneros: teorias, métodos, debates*. São Paulo: Parábola Editorial, 2005. p. 184-207.

SWALES, J. Research into the structure on introductions to journal articles and its application to the teaching of academic writing. In

ELT documents 117 – common ground: shared interest in ESP and communication studies, 77-86, 1990.

TODOROV, T. The origin of genres. In: PORTE, C. *Genres in discourse*. Cambridge: Cambridge University Press, 1990.

TRAVAGLIA, L. C. *Tipelementos e a construção de uma teoria tipológica geral de textos*, 2002. Mimeo.